

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT09.013](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT09.013)

DESCOBRINDO A NEUROPSICOPEDAGIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Patrícia Cilene Viegas Pereira Silva

Mestre em Ciências da Educação. Faculdade CECAP/Pólo Ceará-Mirim-RN, Especialista em Docência na Educação Infantil- UFRN- Universidade do Rio Grande do Norte/ Nei-Cap. Especialista em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica. FAVENI/ ES. patriciacvps@gmail.com
Lattes autora: <http://lattes.cnpq.br/7349700901978174>

RESUMO

O artigo trata de uma pesquisa Ex post facto, sobre a evolução do grafismo representada no desenho do final de semana da criança, possibilitando uma prática inclusiva, vivenciada na educação infantil. E é sob um olhar neuropsicopedagógico que as ações pedagógicas foram assertivas desenvolvendo as funções mentais superiores, trazendo a fala e permitindo a comunicação, além de demonstrar êxito na evolução do grafismo. Para elaboração e execução de uma pedagogia inclusiva contamos com o aporte teórico Piaget & Inhelder (2011); Lavelberg (2013); Luquet (1969) apud Pillar (2012); Reyzábal (1999), Fazenda (2015); Vygotsky (2007), entre outros que nos auxiliaram em leituras. Constatar que a educadora teve um olhar neuropsicopedagógico, e que faz toda diferença no rendimento escolar, é perceber que as ações de pesquisa empírica realizadas em sala de aula por meio das contribuições da neurociência e da psicologia se integram trazendo uma pedagogia inclusiva e de sucesso na aprendizagem do aprendiz.

Palavras-chave: Desenho, Evolução de Grafismo, Neuropsicopedagogia, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2017 e 2018, realizamos investigações acerca da evolução cognitiva, observando a linguagem em crianças pequenas na sala de aula de educação infantil, no entanto, eram pesquisas que atuávamos de forma direta, que se configura uma pesquisa-ação. Apesar de terem surgido vários trabalhos neste período, trago para este artigo um fato novo, surgido dessa investigação através da neuropsicopedagogia, e mostraremos a única criança de 3 anos de idade da turma de 20 alunos, que chegou sem fala, ou seja, sem expressividade por meio da voz, mas teve seu desenvolvimento cognitivo adquirido, e aprendizagem efetivada, demonstrando ter alcançado o nível de estágio “pré-operatório”¹.

Desta feita, a pesquisa *Ex post facto*, se refere a evolução do grafismo através do desenho do final de semana da criança, que por meio de uma prática pedagógica de sucesso e inclusiva, que realizamos enquanto educadora, agora observado através de um olhar neuropsicopedagógico, afirmo ser uma pedagogia diferenciada.

Segundo Reyzábal², “o ensino e a aprendizagem da língua oral devem partir de sua concretude, dos seus usos e formas específicas e levar em conta as realizações orais dos habitantes”. Desta feita, a prática do desenho do final de semana, é uma vivência concreta do aluno que mexe com emoções e sentimentos permitindo que a aprendizagem seja significativa.

O estudo perpassa por um vasto conhecimento teórico-metodológico, a qual foi possível dialogar com os autores: Piaget & Inhelder (2011); Lavelberg (2013); Luquet (1969) apud Pillar (2012); Cox (2007); Reyzábal (1999), Fazenda (2015); Vygotsky (2007), entre outros, que também contribuíram em outrora no momento da prática pedagógica, pois fomos em busca de equacionar o problema

1 PIAGET & INHELDER (2001, p.51) Ao cabo do período sensório-motor, entre 1 ano e meio e 2 anos, surge a função fundamental para a evolução das condutas ulteriores, que consiste em poder representar alguma coisa (um “significado” qualquer: objeto, acontecimento, esquema conceptual etc.) por meio de um “significante” diferenciado e que só serve para essa representação: linguagem, imagem mental, gestos, símbolos etc.

2 REYZÁBAL (1999, p. 25).

vivido em sala de aula, que neste artigo iremos evidenciar o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança, a qual iniciou suas atividades escolares sem fala, enquanto os demais alunos mostravam fala incompreensível.

A pesquisa foi realizada num centro municipal de educação infantil, localizado na região nordeste do Brasil, na capital do Rio Grande do Norte, na zona norte de Natal, com crianças cursando o último nível de creche, porém a maioria dos alunos estava tendo o primeiro contato escolar, inclusive o aluno do apontamento investigativo, que iremos chamar de “Wescley” (nome fictício).

Teremos “Wescley” como referência da turma, pois o seu caso era o mais grave, em se tratando de ausência de linguagem, pois apesar de não expressar nenhuma rejeição no ambiente novo para sua vivência, a criança só interagiu com objetos e gostava de isolamento social. Mediante a idade os sujeitos observados já deveriam ter passado da fase sensório-motora para o estágio pré-operatório, segundo a teoria de desenvolvimento de Piaget.

A pedagogia inclusiva que tratamos nossa prática pedagógica, é no tocante a busca de planejamentos que possamos inserir todos que estão no mesmo ambiente, voltados para uma aprendizagem ativa e participativa, buscando avanços no desenvolvimento. E por meio do olhar neuropsicopedagógico da investigação mostra que essa ação inclusiva tem seu foco no neuroaprendiz, e a sua atuação está voltada na autonomia cognitiva do seu aprendiz, cujo desenvolvimento cognitivo e intelectual, fazem parte do plano de ação.

Fonseca (2015) aponta que com educação cognitiva não teremos uma aprendizagem de insucesso e de fracasso, pois o professor se transforma num mediatizador, num investigador em ação que compreende a relação entre o emocional e o cognitivo.

No entanto, o comportamento humano, está efetivamente relacionado ao pensamento e a linguagem, pois a fala é o meio organizador das demais funções psicológicas, cognitivas e intelectuais. Somente pela linguagem o sujeito se efetiva como ser humano no mundo social, e com a aquisição da oralidade e da grafia que desencadeamos uma aprendizagem de sucesso, possibilitando a mudança de estágios de desenvolvimento e sendo esclarecido de forma multifacetada pela neuropsicopedagogia.

Este artigo contemplará mais três capítulos que concerne na neuropsicopedagogia na sala de educação infantil, os resultados de uma pedagogia inclusiva, com o capítulo seguinte, o desenho e a evolução do grafismo e a relevância dessa formação para se obter uma educação inclusiva e de qualidade.

1. A NEUROPSICOPEDAGOGIA NA SALA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil, por muito tempo foi pensada como acolhimento complementar maternal, devido as emoções e sensações que a criança está bem propensa nesse momento da primeira infância, mas não podemos perder de vista a necessidade do desenvolvimento cognitivo, misturando sentimentos maternos com a relação que se deve estabelecer entre o cognitivo e o emocional, pois essa afetividade escolar está atrelada ao prazer, segurança, confiança, alegria, e até ao desprazer, que se estabelece na interação com o meio.

Os significativos avanços na ação pedagógica da educação infantil tem sido pela contribuição da neurociência que faz estudos acerca do Sistema Nervoso Central, e a psicologia por sua vez, amplia a compreensão acerca da subjetividade do indivíduo e as implicações que o meio tem na construção social do sujeito percebido no desenvolvimento das funções mentais superiores e o desenvolvimento cognitivo, ambos auxiliam a pedagogia à encontrar métodos e técnicas, gerando didáticas de desenvolvimento e de aprendizagem no indivíduo, proporcionando o seu crescimento evolutivo e o seu protagonismo.

É o conhecimento amplo e harmonioso destas várias ciências humanas que surgiu a neuropsicopedagogia, que traz consigo, a possibilidade de um olhar mais profundo sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, para que o educador e/ou professor tenha melhor auxílio na prática pedagógica com seus alunos na sala de aula.

O diagnóstico neuropsicológico auxilia na verificação de sinais iniciais de disfunções e abre possibilidades para uma melhor intervenção pedagógica, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Para tanto, precisamos entender o pensamento da criança, e na educação infantil é através de uma comunicação mais

próxima que possibilitamos a consciência da língua e em seguida do uso da grafia e da escrita, e assim estaremos abrindo portas de comprovação do pensamento.

Sabendo que a atenção e a memória, são duas funções mentais superiores que desencadeiam a plasticidade do cérebro, junto as outras funções desenvolvendo os aspectos cognitivos do pensamento e da linguagem, o olhar da neuropsicopedagogia, também auxiliará promovendo a construção social do sujeito de maneira mais eficaz.

A avaliação neuropsicológica cognitiva, também é imprescindível na educação infantil, pois as atividades mentais superiores são estimuladas de forma intencional nessa primeira etapa de vida do ser humano, principalmente nas instituições educacionais, por isso, construímos um instrumento de registro pedagógico, que nos possibilitou verificar avanços e recuos na aprendizagem, em que a criança é estimulada a registrar seu do final de semana, após ter dialogado sobre ele.

O processo de aprendizagem está embasado na “abordagem histórico-cultural, que enfatiza a natureza social da atividade mental e assume a linguagem como eixo do desenvolvimento humano, [...]”³. Os processos mentais complexos, numa sala de educação infantil, precisam estarem bem compreendidos no entendimento do educador, pois a linguagem, pensamento, memória, etc., fazem parte de um processo de ontogênese, que, ao longo do percurso de aprendizagem, o indivíduo desenvolve as funções cerebrais complexas, por meio das interações sociais e culturais proporcionadas pela ação intencional do professor.

É então, entender que os estímulos são externos, segundo Vigotsky (2007), e que promove a neuroplasticidade, que são decorrentes das experiências de vida, possibilitando um processo de ensino-aprendizagem baseado na teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, que estabelece relação de ligação entre o real e o potencial do aprendiz. Vigotsky (2007, p. 97) cita um grande exemplo para a compreensão dessa prática, em que o professor deve pautar suas ações, vejamos que a

3 COELHO (et. Al., 2011, p.156)

[...]diferença entre doze e oito ou entre nove e oito, é o que nós chamamos a *zona de desenvolvimento proximal*. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Esse conhecimento da neurociência educacional, mostrando a plasticidade neural traz implicações positivas para o processo de ensino-aprendizagem, principalmente na educação infantil, pois possibilita realmente o sucesso da profissão do educador e/ou professor, devido a clareza do desenvolvimento cognitivo em que a aprendizagem é estabelecida no tocante nível de desenvolvimento das funções mentais superiores.

No entanto, são os neurônios que por ações externas sofrem transformações de forma ou função, de modo prolongado ou permanente, onde essa duração dependerá do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, a importância do conhecimento prévio, para que a memória seja estabelecida, a atenção do momento atual possa ampliar os conhecimentos provocando uma aquisição significativa, e assim permanente.

É, portanto, as ações que envolvam a percepção, atenção, memória, pensamento e linguagem, que enquanto pedagogos, na atuação de sala de aula, estaremos provocando o uso do sistema complexo cerebral, em que as zonas corticais funcionem em conjunto, e assim sejam estimulados o desenvolvimento e a aprendizagem.

A partir desse entendimento trazido pelo olhar da neuropsicopedagogia, que percebemos a pedagogia inclusiva, de modo que não se trata de uma inclusão escolar com mero apoio aos deficientes físicos ou retardados, mas de ofertar a autonomia cognitiva, por meio de uma ação pedagógica que a criança atinja a organização do pensamento e expresse por meio da fala, em seguida da grafia e da escrita.

A linguagem é o grande paradigma mediante os processos de aprendizado e desenvolvimento, que diante das observações da educadora, levou-a ao entendimento que precisaria planejar ações para que o aluno conseguisse mudar de estágio de desenvolvimento, pois todos os alunos da turma deveriam estar no estágio

pré-operatório, inclusive o aluno que não falava. Esse entendimento se assemelha a teoria de Vigotsky⁴, estabelecida pela *zona de desenvolvimento proximal* que explica a estreita ligação entre o aprendizado e o desenvolvimento, que de fato “estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”⁵.

O aprendizado foi planejado para inicialmente desenvolver linguagem, estimulando a função semiótica da criança, pois com a qual o indivíduo conseguiria os avanços da capacidade mental para se inserir no novo estágio de desenvolvimento. “Um fato empiricamente estabelecido e bem conhecido é que o aprendizado deve ser combinado de alguma maneira com o nível de desenvolvimento da criança”⁶.

No quadro abaixo mostraremos a rotina escolar estabelecida para a vivência parcial, em apenas um turno escolar:

1. Rotina Escolar
2. Acolhimento
3. Desjejum
4. Roda de Conversa
5. Atividade pedagógica
6. Parque/Banheiro
7. Asseio das mãos e almoço
8. Relaxamento/Saída

Fonte: Acervo da autora (2018)

A rotina escolar era estabelecida pela instituição, em busca de favorecer de igual modo para as outras turmas da escola. Queremos chamar atenção, para uma grande relevância que tem essa rotina fixa, que é o de estabelecer ordem cronológica e espacial, de modo que favorece o reconhecimento do cotidiano escolar.

4 VIGOTSKY (2007, p.98) A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário.

5 VIGOTSKY (2007, p. 95)

6 *Ibidem*

E é importante ressaltar que essa fixação não determina rigidez, pois existem possibilidades de flexibilidade, de modo que estabelecemos períodos para cada aquisição.

Citamos então, o exemplo do acolhimento no período de adaptação que foi de aproximadamente um mês, onde as crianças podiam escolher brinquedos para interagir uns com os outros, sem nenhuma restrição. Após esse período o mesmo momento de acolhimento era proporcionado a interação com os blocos lógicos, dessa vez iniciamos algumas restrições, pois o aluno não podia escolher.

A roda de conversa era o maior momento estabelecido na rotina, pela busca de desenvolver a oralidade. Era o momento do diálogo direcionado, com músicas/gestos, entrevistas, contação de histórias, apresentação dos alunos, brincadeiras coletivas-brinquedo cantado, a explanação do dia e seus objetivos, e conteúdo, como o final semana, que trazemos como ponto chave do nosso artigo.

É através do final de semana da criança, que iniciamos uma oralidade mais participativa na roda de conversa, pois trouxemos para o diálogo, uma comunicação situacional da realidade vivencial das crianças envolvidas, ou porque não dizer, de todos os envolvidos, sendo cada um com sua especificidade para falar.

E para que o aprendido se fortaleça, é preciso de uma rotina que estabeleça relações trazendo significado no entendimento do aprendiz, em que a atenção seja focalizada para várias coisas, aumentando assim suas capacidades. A rotina com a modalidade de atividade permanente de oralizar e desenhar o final de semana nas segundas-feiras, pode ser vista como "um treino especial que afeta o desenvolvimento global somente quando seus elementos, seus materiais e os seus processos são similares nos vários campos específicos; o hábito nos governa"⁷.

É importante compreender que a rotina fixa constrói hábitos que norteiam inúmeras outras capacidades de pensar e agir, mas que somente a aprendizagem significativa pode gerar novos conhecimentos, ou seja, são as relações emocionais junto as cognitivas que

7 *Ibidem*

traçam um crescimento substancial no desenvolvimento mental do sujeito, podendo assim ultrapassar as fases desse desenvolvimento.

Ou seja, fazer o aluno pensar sobre seu final de semana, não apenas irá proporcionar o conceito desse ato, como também favorecerá a construção de vários conceitos, dos variados objetos e situações vividas, efetivando sua consciência, de modo a si perceber nas situações sociais.

Isso acontece devido ao que Vigotsky⁸ (2007) chama de *nível de desenvolvimento real*, quando a criança estabelece uma relação próxima a ponto de realizar sem ajuda de um adulto, ou pessoa mais experiente. É a grande chave nesse processo de aprendizagem, pois quando o educador percebe o que a criança consegue fazer, ele encontrou a idade mental do sujeito.

E a partir daí, que as implicações pedagógicas podem ser mais eficazes no desenvolvimento das capacidades mentais do sujeito, pois “o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente⁹”.

Podemos afirmar com um olhar neuropsicopedagógico, que todo traçado planejado da atividade do final de semana da criança, foi de grande relevância educacional, devido o método estabelecido com a zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky (2007), pois estimulou a chegada e o aprimoramento da linguagem, provando o amadurecimento das funções mentais e definindo-as.

É importante, ressaltar que essa pedagogia que estamos chamando de inclusiva, é devido as inúmeras possibilidades estabelecidas, alcançando as 19 crianças que estava em processo, fazendo com que suas funções mentais fossem definidas com uma fala compreensiva e o caso do “Wescley” que não falava e nem interagia com os outros colegas e passou a falar e interagir, e mesmo que tenha sido com mais espaço de tempo esse avanço, mas o sujeito foi incluído de forma humana, pois alcançou satisfatoriamente o desenvolvimento cognitivo, chegando no estágio pré-operatório.

8 VIGOTSKY(2007, p. 95-96) O primeiro nível a ser chamado *nível de desenvolvimento real*, isto é, nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já *completados*.

9 *Ibidem* (p. 98)

No capítulo a seguir estaremos dando continuidade mostrando que essa pedagogia inclusiva proporcionada pela zona de desenvolvimento proximal, estabeleceu a evolução do grafismo através do desenho do final de semana da criança, confirmando que a relação entre aprendizado e desenvolvimento, promove a construção social do sujeito.

2. A EVOLUÇÃO DO GRAFISMO ATRAVÉS DO DESENHO DO FINAL DE SEMANA

O desenho no contexto dessa investigação é a representação gráfica, do pensamento, mas que só é possível com a aparição da linguagem que é o pensamento organizado, mostrando assim um efetivo desenvolvimento das funções mentais superiores. O desenho e a escrita são duas representações do pensamento que marca o desenvolvimento cognitivo e mental da criança pequena. “A linguagem verbal e a linguagem gráfica participam de uma natureza mental, cada uma com sua especificidade e sua maneira particular de participar uma imagem, uma ideia, um conceito¹⁰”.

A criança que está sendo nossa referência nesse estudo, consegue nos mostrar que a linguagem do desenho numa relação de fala e grafia, é a resposta positiva do seu desenvolvimento, pelo fato da grande importância que tem a linguagem no uso das outras funções, como percepção, atenção, memória, processos intelectuais, motoras, visuais e organização visuoespacial e visuoconstrutiva.

O desenho do final de semana em que a criança era levada a fazer nas segundas-feiras, possibilitou uma aprendizagem de plasticidade cerebral, ativando o reconhecimento da memória do contexto vivido e trazendo ao presente de forma oralizada e gráfica, desta feita, ativamos as regiões do córtex pré-frontal e parietal.

A neurobiologia, afirma que o ser humano, independente de questões sociais e culturais, o processo de desenvolvimento do sujeito segue algumas tendências, e entre elas, está a tendência que o indivíduo tem de responder aos estímulos do meio e a fala se torna mais abrangente com direcionamentos. Os movimentos do

10 DERDYK (2015, p. 101)

corpo vão se tornando respostas mais específicas, tudo isso prova que o desenvolvimento se dá do geral para o específico.

Vejamos nesta atividade que foi construída, em que nas segundas-feiras as crianças passam a relembrar o final de semana vivido, de modo que na roda de conversa o assunto faça parte do diálogo e em seguida da grafia, permitindo uma importante associação nos aspectos emocionais e intelectuais, nesse processo de aprendizagem.

Apesar dos estímulos externos proporcionarem a plasticidade cerebral, são as sensações que respondem por esse desenvolvimento, pois elas são responsáveis pela liberação da capacidade das conexões sinápticas, por isso, que na roda de conversa ao falar sobre o final de semana, cada criança expressava suas emoções do momento vivido.

Não se trata de uma educação centrada em repetições, e sim, de vivências que são colocadas como conteúdo de aprendizagem para alcançar o desenvolvimento cognitivo, observando os estágios de desenvolvimento da teoria piagetiana e a consolidação das funções mentais superiores explanadas por Vygotsky, por meio do método da *zona de desenvolvimento proximal*.

A língua falada possibilitada em língua gráfica, é um cenário de verdadeira evolução mental, pois a "representação do pensamento"¹¹ se dá inicialmente por essas duas funções cognitivas. Para compreender a evolução gráfica que acontece durante essa fase de desenvolvimento pré-operatório, é preciso entender a importância das garatujas e rabiscos, que se evolui nos quatro estágios de grafia, abordado na teoria e Luquet, que tem sua base no realismo, devido conceber o desenho como imagem mental do real, por isso "o vínculo que a criança mantém entre o objeto e sua representação

11 PILLAR (2012, p. 38). A representação é a condição básica para o pensamento existir, uma vez que, sem ela, não há pensamento, só inteligência puramente vivida como no nível sensorio-motor. É através do surgimento da função semiótica que a criança consegue evocar e reconstruir em pensamento ações passadas e relacioná-las com ações atuais... Após a constituição da função semiótica -, isto é, da capacidade de diferenciar o significado do significante - e da organização espaço-temporal e casual das representações, torna-se possível a aquisição da linguagem.

gráfica se modifica em função do seu entendimento do sistema do desenho e a da sua construção do real¹²”.

Os quatro estágios de desenvolvimento gráfico para Luquet apud Pillar¹³, que acompanham todo o desenvolvimento maturacional do sujeito, são: realismo fortuito, realismo falhado ou incapacidade sintética, realismo intelectual e realismo visual. No entanto, a faixa etária dos alunos da pesquisa, se configuram no primeiro estágio que é o **realismo fortuito**, pois é, nesta fase que a criança passa pelo **desenho involuntário** e pelo **desenho voluntário**, as representações involuntárias, são os traços sem pretensão de construir imagem, devido não ter consciência de que as linhas podem representar objetos, momento que Piaget chama de garatujas; E ao atingir o desenho voluntário a criança inicia interpretando depois de criar o desenho, depois constrói a intenção prévia e mantém a interpretação, e assim consolida a consciência que pode representar através do desenho tudo que deseja.

A “imagem mental¹⁴”, de si mesmo projetada no desenho do final de semana da criança, reafirmam em nós que a consciência do eu, se configura na representação do desenho, devido “a memória de evocação, que consiste em evocá-lo em sua ausência por meio de uma lembrança-imagem¹⁵”.

Vejamos a evolução do grafismo através do desenho do final de semana de “Wescley”:

12 PILLAR (2012, p.56)

13 LUQUET(1969; apud PILLAR, 2012, p. 55-58)

14 IAVELBERG (2013, p.18) O desenho como prática autoral” são as mudanças físicas e cognitivas do crescimento da criança e a experiência do desenhista, que se articulam nesse processo até a idade adulta, quando as estruturas do pensamento alcançam a inteligência formal.

15 PIAGET E INHELDER (2011, p.75)

Figura 1: Imagem Involuntária



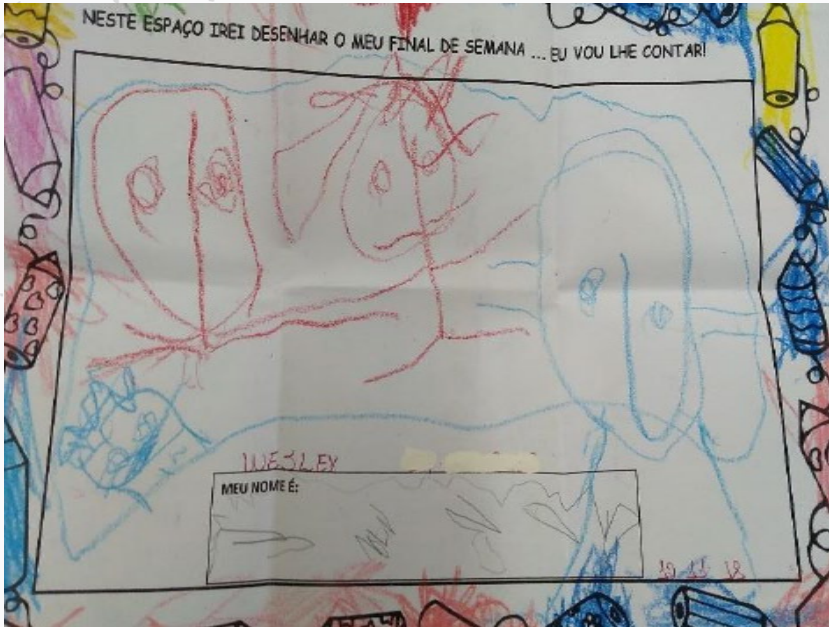
Fonte: Acervo da autora (2018)

Figura 2: Imagem Voluntária



Fonte: Acervo da autora (2018)

Figura 3: Imagem do Realismo Fortuito



Fonte da autora (2018)

De acordo com a teoria da evolução do grafismo, abordado por Luquet, a figura 1, mostra que mesmo já estando no segundo semestre do ano, as intervenções pedagógicas proporcionaram a chegada das garatujas que são evoluções de rabiscos, apesar de não apresentarem as mesmas intenções antes e depois na oralidade, todavia constatamos oralidade e ainda houveram evoluções significativas nas garatujas, pois mesmo sendo uma imagem involuntária, nas condições cognitivas de "Wesley", já se torna um avanço, tendo em vista que não havia fala no início do primeiro semestre do ano.

E mesmo a fala neste momento de construção, não corresponder ao desenho, de modo que não comprova ligação entre pensamento e linguagem, mas neste caso podemos perceber avanços significativos pela interação gráfica ao realizar a atividade e estabelecida na atuação de fala na roda de conversa, pelo aluno que antes não oralizava.

A figura 2, "Wesley" demonstra mais avanços em pouco tempo, pois ele conseguiu fazer a interpretação depois de criar o desenho,

mesmo assim se configura imagem voluntária, a qual podemos dizer que é um ponto intermediário da chegada de consciência.

Na figura 3, ele realmente alcança o estágio de Realismo Fortuito, pois mantém a intenção da criação do desenho, consolidando assim a consciência.

Entre as figuras 2 e 3, a única diferença entre os desenhos é que na figura 2, o aluno mostra pouca inconsistência, entre a imagem mental, devido ter mencionado outra interpretação pós construir o desenho. Mas ambas mostram um salto significativo no desenvolvimento cognitivo de “Wescley”, onde o mesmo reafirma a imagem mental na figura 3, comprovando a oralidade antes e pós construção do desenho, mostrando ter alcançado a organização do pensamento abstrato, em que a fala interna se transforma em grafia.

Essa evolução das funções mentas superiores para o aluno que não falava, e assim demonstrar através de sua grafia em menos de um ano de estímulos externos intencionais, é realmente uma evolução fantástica de aprendizagem, com isso, mostra totalmente a correspondência dos estímulos proporcionados pela pedagogia inclusiva que resulta na evolução do desenvolvimento mental da criança, efetivando a aprendizagem.

3. A NEUROPSICOPEDAGOGIA TRAZENDO NOVAS CONEXÕES ESCOLARES

A educação infantil passou por um momento, de total fechamento de atendimento escolar, devido a pandemia, que ocorreu no período de março de 2020 a janeiro de 2022, e durante esses dois anos algumas instituições de ensino tentaram dar continuidade com intervenções educacionais por meio de aplicativos de comunicação tecnológica, mas sem as interações vivenciais a aprendizagem não conseguiu ser registrada, devido as inúmeras necessidades sociais que cercam o cenário das escolas públicas.

E diante, das dificuldades enfrentadas no período de pandemia, vamos elencar a formação do professor que faz toda diferença. A neuropsicopedagogia é uma formação que trata da evolução cognitiva do sujeito, das intervenções biológicas e sociais que favorecem o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo. Diante

disso, o pedagogo amplia suas capacidades de estratégias educacionais para alcançar o crescimento psicológico e intelectual e motor da criança.

Tendo em vista que na educação infantil, ainda não é considerado como período inicial de alfabetização, os objetos culturais como leitura e escrita, não são pontos de observações escolares. E com as conexões de saberes trazidas por esta formação, novos conhecimentos escolares são possíveis e traz uma grande diferença nas intervenções escolares durante o distanciamento social escolar, a qual podemos mostrar com a evolução do grafismo incentivando os próprios familiares a vivenciar um final de semana e incentivar o registro junto a criança, além de proporcionar o relato oralizando sua vivência.

Assim o professor da educação infantil, poderá observar o crescimento de aprendizagem apontando a evolução cognitiva do seu aluno e a família poderá vislumbrar e identificar habilidades e competências que a criança demonstra na oralidade e na escrita, além de favorecer a leitura do seu próprio registro, incentivando a leitura através da aproximação entre a fala e a escrita, na construção dessa atividade.

Os estudos da neurociência, da psicologia e da pedagogia, fortalecem a didática do método analítico, que vai do saber mais amplo para compreender as partes desse todo, e que busca entender como a criança aprende. Além de mostrar que ensinar exige respeito aos saberes do educando, como diz Paulo Freire (2008), pois o desenvolvimento integral da criança requer a compreensão do professor, acerca do que Vygotsky (2009) chama de Zona de Desenvolvimento Proximal, cujas as práticas pedagógicas estabelecem uma relação entre o conhecimento que se tem e o que se quer aprender, provocando estratégias que façam o elo desses dois saberes, dando a condição do sujeito ser protagonista de sua construção social. Vejamos o diz Paulo Freire nesse processo de construção do ser por meio da aprendizagem:

É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que

pode torná-lo mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, **sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto. FREIRE (2008, p.24-25).

É nessa perspectiva de aprendizagem que a subjetividade se torna crescente numa busca de aprender a aprender, em que o educando aprende, mas também o educador, pois o processo didático pedagógico precisa ser metacognitivo, onde o crescimento intelectual ocorre a todos que estão envolvidos nesse contexto.

E na criança pequena, o contexto escolar precisa promover a aquisição da linguagem, pois este aprendizado promove o pensamento organizado que favorece o desenvolvimento intelectual do sujeito, como por exemplo: a chegada do raciocínio lógico, a comunicação compreensiva, além de ações motoras que são precedidas da fala. E na educação infantil, não deve ser diferente das demais etapas de aprendizagem e escolarização, pois a sistematização das estratégias pedagógicas precisa de intencionalidade e metas objetivacionais, para sejam alcançadas.

A curiosidade do aprendiz é ponto inicial de sistematização da aprendizagem que gera desenvolvimento cognitivo integral da criança, cuja a linguagem oral e escrita, são objetos culturais de conhecimento que devem nessa etapa da educação básica, serem compreendidas como metas iniciais da ação educativa, tendo em vista que “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com as pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”.(VYGOTSKY, 2009, p. 103)

Desta feita, a neuropsicopedagogia nos possibilita um entendimento mais amplo da educação cognitiva, que favorece a compreensão das relações entre as várias perspectivas educacionais que possam mediar as práticas escolares, fazendo conexões diversas para que o favoritismo seja a busca do desenvolvimento integral da criança, de modo que a escola seja um ambiente favorável ao desenvolvimento humano na sua amplitude através da aprendizagem significativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da evolução do grafismo da criança em foco, afirmou a eficiência e a eficácia da prática pedagógica, evidenciando uma pedagogia inclusiva na sala de educação infantil, além de reafirmar a relevância de um olhar neuropsicopedagógico nas situações de baixo rendimento escolar, mas também evidenciou o desenho do final de semana, como uma atividade assertiva que avaliar o grau de pensamento e linguagem das crianças pequenas, além de ser um instrumento que efetiva o método de Vigotsky, a *zona de desenvolvimento proximal*.

Descobrimos que como educadora, já tínhamos um olhar neuropsicopedagógico na prática pedagógica, mesmo ainda não tendo essa formação, pois traçamos o plano de ação no intuito de alcançar o desenvolvimento mental e cognitivo da criança, favorecendo uma aprendizagem eficaz, que neste trabalho denominamos pedagogia inclusiva.

Concluimos que devido o hábito de pesquisa-ação, enquanto educadora nas intervenções da sala de aula, assumimos um papel de mediatizadora, em que a interação é concebida de forma dinâmica, valorizando os processos e as estruturas cognitivas, por isso, o plano de ação está sempre voltado para o desenvolvimento do sujeito, por meio de uma aprendizagem significativa.

No entanto, este trabalho trouxe inúmeras contribuições para a ciência educacional e futuras propostas de políticas públicas, como formação de professores nessa área e o fomento de pesquisa empírica no contexto escolar, pois afirmamos com esta investigação, a eficiência e a eficácia de pesquisa-ação em sala de aula que promove uma prática pedagógica inclusiva e que resulta em desenvolvimento mental e cognitivo, numa aprendizagem de sucesso.

Portanto, deixamos aqui um recado: você pode não ter um olhar neuropsicopedagógico em sua sala de aula, mas enquanto educador(a) e/ou professor(a), você tem em suas mãos a possibilidade de transformar um sujeito biológico, em um sujeito social, humano de sucesso.

5. REFERÊNCIAS

COELHO, Cristina M. Madeira. **Possibilidades de Aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência** / organizadoras Albertina Mitjás Martínez, Maria Carmem Villela Rosa Tacca. – Campinas, SP : Editora Alínea, 2011. Linguagem, Fala e Audição nos processos de aprendizagem: desafios e estratégias, (p.153-173).

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DALBERIO, Osvaldo. **Metodologia Científica: desafios e caminhos.** / Osvaldo Dalberio, Maria Célia Borges Dalberio. – São Paulo: Paulus, 2009. – (Coleção Educação Superior)

IABELBERG, Rosa. **O desenho na educação infantil.** – Coleção: Como eu ensino. – São Paulo. Melhoramentos. 2013.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, Neurologia e Aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996(Coleção Leitura) Edição 2008.

PIAGET, Jean & INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança.** Tradução Octavio Mendes Cajado. – 5ª edição – Rio de Janeiro. Difel, 2011.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação.** – 2ª edição rev. amp. – Porto Alegre : Penso, 2012.

REYZÁBAL, Victoria Maria. **A comunicação oral e sua didática.** Tradução de Waldo Mermelstein. Bauru: EdUSC, 1999. (Coleção Educar).

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** Michael Cole... [et al]; Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e Pedagogia)